

SESSÕES DO PLENÁRIO

35ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 11 de agosto de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, proposta pelo deputado Bira Corôa.

Neste momento, convido para compor a nossa Mesa a Srª Fabya Reis, secretária de Promoção da Igualdade Racial, que neste ato representa o governador Rui Costa; a nossa querida Benedita da Silva, deputada federal – posso também dizer que, com muito orgulho, é cidadã baiana –, que nos prestigia com o seu nome e com sua história de vida para mais uma atividade, que já se tornou cultura e está nos Anais desta Casa. Aproveito para agradecer, Bené, pela sua história de vida, mas, muito mais do que isso, pelo seu gesto... posso dizer de nacionalidade de nos prestigiar e nos contemplar com o seu nome nessa marca que ora identifica mulheres negras neste nosso Estado.

Convido também para compor a nossa Mesa o Sr. Secretário de Justiça e Desenvolvimento Social, Dr. Carlos Martins, que representa uma secretaria que se tornou uma megassecretaria, porque incorpora várias ações estratégicas importantes, que interpassam por todas as lutas, assim como a nossa secretária Fabya, que tem uma tarefa que é, talvez, uma das mais complexas e das mais difíceis hoje no nosso Estado, que é reafirmar a nossa identidade afro-baiana e brasileira; a Srª Capitã Edilânia Aguiar, coordenadora do Centro Maria Felipa da Polícia Militar da Bahia – quase não acertei seu nome e já estivemos juntos em muitas atividades; a Srª Maísa Maria Vale, coordenadora do Instituto da Mulher Negra Odara; a Srª Creuza Juriti, representante do Movimento de Mulheres Negras Dandara do Sisal; a Srª Professora Zelinda Barros, representante do Coletivo Angela Davis, da UFRB - Universidade Federal do Recôncavo Baiano; a Srª Lígia Margarida, representante da Rede de Mulheres pelo Fortalecimento e Controle das Políticas Públicas; a Srª Representante da Rede de Mulheres de Terreiro, equede Isaura Genoveva; (palmas) e a Srª Representante da Secretaria de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia, Uiara Lopes. (Palmas)

Neste momento queremos fazer a abertura de fato, com uma apresentação musical. Simbolizando a força da mulher negra, a nossa parceira de toda hora, presente a todos os eventos nesta Casa, nossa cantora Rebeca Tárique.

(Apresentação musical.)

Axé, nos orgulhamos de ser mulher negra! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Mais uma vez obrigada, Rebeca.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, passo a palavra ao proponente desta sessão. Então, vou fazer uso da tribuna.

O Sr. BIRA CORÔA:- Bom dia a todos e todas.

Quero antes de mais nada agradecer a presença de vocês e dizer da minha satisfação e – por que não admitir? – grande emoção por estar vivenciando mais um ato de reconhecimento e afirmação da nossa existência, da nossa identidade afro, e acima de tudo, da força, disposição e do vigor de luta da mulher, em especial a mulher negra do nosso Estado.

Neste ato quero saudar a secretária Fabya Reis e dizer da grande satisfação que temos com a condução, no Estado da Bahia, de uma política de afirmação e reconstrução da nossa própria história. Nós fazemos parte de um legado esquecido neste País. Somos desrespeitados, destratados por todas as políticas implementadas ao longo da nossa história de vida. E podemos afirmar que nada mais do que duas décadas demarcam avanços significativos, embora ainda distantes de produzir a sociedade igualitária que todos nós almejamos e lutamos.

Portanto, sem dúvida alguma, não podemos deixar de reconhecer os avanços já percorridos nestas últimas duas décadas no plano federal, a partir da gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ele está presente a todos os atos pelas afirmações, conquistas, e pela disposição de luta, apesar de a elite burguesa deste Brasil e o capital internacional, juntamente com o setor podre do Judiciário fincado e sustentado por um setor da mídia brasileira, tentarem criminalizá-lo para impedir o retorno dele à condução desta Nação. Porém estamos aqui para dizer que somos pelas diretas já e, acima de tudo, pelo retorno de alguém que, além de ter-nos representado muito bem, representou também contra essa posição de um governo imposto que resgata ações já superadas pela sociedade brasileira e pelos avanços das nossas conquistas.

Como o dia de hoje é também um dia de luta, peço licença a vocês, principalmente às mulheres aqui presentes, para dizer que estamos firmes na luta para a retomada e garantia das nossas conquistas.

Sem dúvida alguma, 2018 traça-se como um ano importante e estratégico para que o povo brasileiro possa voltar a sorrir sem medo de ser feliz, com Luiz Inácio Lula da Silva presidente deste Brasil. (Palmas)

Quero saudar a nossa deputada federal Benedita da Silva. Tenho dito, Bené, que me sinto representado como brasileiro e baiano pela sua presença lá no Congresso Nacional, como mulher – mulher negra – que nos trouxe as mais referidas experiências de luta, disposição, militância e, acima de tudo, honradez na sua postura de defender o Parlamento com a integridade que o Parlamento tem, diferenciando-se da maioria dos que lá estão à disposição dos interesses do capital contrário aos avanços sociais. E você nos representa muito bem. Para nós, baianos, é uma satisfação muito grande, porque você não apenas nos representa na condição de deputada federal, mas também nos permitiu utilizar o seu nome para uma identidade

que é uma marca desta Casa. Esta é a quarta edição que nós identificamos. Sem dúvida nenhuma, mulheres que titulamos de pérola negra, porque nós somos, sem sombra de dúvidas, a diferença, nós somos a cor, nós somos o cheiro, nós somos a marca desta cidade, deste Estado e deste País. E você nos contempla com o seu nome, que não é um DNA pequeno, é a marca de alguém que representa e simboliza a nossa luta. Obrigado, Benedita da Silva.

Quero saudar o secretário Carlos Martins e dizer da nossa satisfação de identificar e de conhecer a sua militância. Tive o privilégio de conhecê-lo ainda num passado muito próximo, mas tão distante para muitos, que foi dentro das lutas de organização da classe trabalhadora neste Estado, caminhando pelas ruas ainda enlameadas do Polo Petroquímico, formando uma fileira de companheiros que acreditavam a possibilidade de transformar a realidade deste Estado e deste País pela força e pela unidade do processo da luta e da representação dos trabalhadores.

E assim se fez também na criação do nosso Partido dos Trabalhadores, que vem sendo uma peça importante neste novo momento que vive a Bahia. Foi estratégica a sua participação no governo Jaques Wagner, decisivo, muito firme, seguro das ações e comprometido com o processo de transformação e construção de um novo tempo. E ora faz isso também no governo Rui Costa e nos representa muito bem à frente da Secretaria, que a gente simplifica chamando-a de Secretaria de Justiça, mas ela vai muito além de ser uma Secretaria de Justiça, porque também incorpora todas as políticas de ação social do nosso Estado – secretário Carlos Martins.

Capitã Edilânia, mais uma vez agradeço-lhe pela presença e participação e pelo que a senhora representa junto a uma instituição, posso dizer, importante, que é a Polícia Militar, num setor estratégico, que é o de afirmação da mulher e da luta da mulher dentro de uma corporação que foi criada num ambiente totalmente machista, com uma filosofia muito montada em cima da repressão. E a senhora, com a sensibilidade de uma mulher, mas acima de tudo com firmeza e determinação, juntamente com todas as policiais que compõem o Maria Felipa, vem atuando numa luta estratégica de reafirmação da mulher no cenário político, social, econômico do nosso Estado. (Palmas)

Quero saudar Maísa Maria Vale que coordena o Instituto de Mulheres Negras Odara, e dizer que, pela capacidade de luta no dia de anteontem, quarta-feira, melhor dizendo, terça-feira, estive, a convite da vereadora Marta Rodrigues, que aqui se faz presente – logo mais estarei registrando todas as presenças –, participando de um ato importante na Câmara Municipal de Salvador, que foi a celebração, em uma sessão especial, dos 39 anos do MNU na Bahia e no Brasil.

Uma marca importante, porque é a partir dos movimentos e da capacidade de organização dos nossos movimentos que temos transformado a realidade deste País. E eu quero saudar todos os movimentos aqui representados: Creuza Juriti, professora Zelinda Barros, que aqui representa um setor estratégico da educação e do ensino, a UFRB. Quero dizer da minha satisfação por ter tido conhecimento de que as últimas estatísticas demonstram que a UFRB tornou-se a universidade mais negra do Brasil, mais de 70% dos estudantes da Universidade Federal do Recôncavo Baiano se

autointitulam negros. É a universidade que comporta a maioria dos estudantes cotistas no Estado da Bahia e no Brasil. São dados importantes de conquista.

Quero dizer que é também a universidade que agrega a maioria dos estudantes da região do Recôncavo do nosso Estado. Isso, para a gente, é uma conquista significativa, altamente importante. Eu dizia que a universidade, que nasceu grande, ora se afirma como um dos principais instrumentos no combate às políticas retrógradas do nosso País, do nosso Estado, e reafirma as conquistas de implementar políticas mais próximas e de acessibilidade, principalmente, a nós, negros, negras, índios, ciganos, mestiços, mas acima de tudo àqueles oriundos da escola pública, oriundos dos setores menos favorecidos, economicamente, em nosso Estado.

Quero saudar a nossa equede Isaura e dizer da nossa satisfação por termos na nossa representação sempre a presença da religiosidade de matriz africana. Digo sempre que é o candomblé a instituição que nos afirma e garante que a gente possa estar defendendo a nossa identidade.

A preservação da nossa cultura identitária, em todos os aspectos, se dá, exatamente, a partir do candomblé e pela sustentação da capoeira. Então, eu não poderia deixar de destacar.

Uiara Lopes, quero dizer da nossa grande satisfação por você estar aqui, representando a Secretaria de Políticas para as Mulheres, outro instrumento importante do governo do Estado que, sem dúvida alguma, tem contribuído com avanços significativos pela afirmação e pela identidade de gênero, mas, acima de tudo, pela construção desta sociedade que nós defendemos, uma sociedade igualitária.

Senhores e senhoras, não gosto muito de preparar discursos, muito menos fazer leitura, mas eu vou pontuar algumas coisas pela necessidade de ser objetivo, e pedir desculpas a nossa assessoria, porque vou pincelar, pular um pouco da contribuição dada pela assessoria, mas dizendo que sem ela a gente não conseguiria estar aqui conduzindo os nossos trabalhos. A nossa assessoria é, sem dúvida nenhuma, o próprio mandato. Eu apenas represento, mas quem constrói, quem sustenta, são os colaboradores diretos e indiretos deste mandato. Quero ao mesmo tempo agradecer a contribuição dada por todos.

(Lê) “De acordo com o IBGE, somos 211 milhões, 884 mil e 539 brasileiros, dos quais 50,79% são do sexo feminino e, desse percentual, 44% são mulheres negras. São aproximadamente 42 milhões de mulheres negras.

A base da pirâmide social continua pertencendo, por excelência, às mulheres negras que sustentam este País sem usufruir das riquezas que são produzidas. Falta o básico para que possam construir uma vida com dignidade.

A mulher negra é a síntese de duas opressões: a de gênero e a de raça. Se a questão da mulher avança e o racismo vem e barra, as mulheres negras são as vítimas, diretamente, desse processo. Costumo dizer que nos avanços implementados com a luta pelo racismo, ainda entre nós também há discriminações, porque as mulheres negras são sempre prejudicadas nesses benefícios, nesses avanços, em detrimento dos avanços atingidos, mesmo pelos homens e mesmo entre os homens negros.

Na condição de homem, é importante admitirmos que a mulher também precisa ser valorizada e reconhecida no nosso contexto. Como exemplo, nós simbolizamos a bandeira maior de identidade quando afirmamos a resistência dos nossos quilombos. Ao destacarmos Zumbi e diversos outros heróis negros, quase nunca destacamos as nossas heroínas mulheres, e mulheres negras. Essas mulheres estão lutando para transformar a realidade, superar as desigualdades e construir uma nova cultura na nossa sociedade.

Além do combate à opressão de classe e do enfrentamento ao machismo, ceticismo, racismo, homofobia e todas as formas de discriminação... Assim, o Troféu Pérola Negra Benedita da Silva foi criado para homenagear personalidades negras cuja trajetória de vida, reconhecidamente, reflita serviços prestados à luta histórica das mulheres negras contra a opressão de gênero, agravada pelo racismo e pela exploração de classe social. Desde então, esse momento tornou-se um símbolo que, aqui nesta Casa, é de reconhecimento dessas mulheres, imprescindíveis à construção de um Brasil solidário, multiétnico e pluricultural.

Ao encerrar a minha fala, quero mais uma vez fazer um agradecimento a todas as mulheres negras que, no anonimato em sua grande maioria, nos permitiram chegar ao século XXI, ano 2017, podendo dizer com muita determinação: “Sou negro, sou negro e tenho origem, tenho identidade, tenho raça e tenho cor. Sou cidadão e defendo interesses da coletividade da nossa sociedade”. E digo que, das mulheres que se permitiram, na condição de ama de leite, amamentar os filhos dos brancos, mas não perderam o brio de defender os interesses da preservação da nossa cultura; daquelas que fugiram para o fundo das senzalas para cultivar a nossa religiosidade; das que conseguiram transformar os restos dos alimentos deixados em alimentos saudáveis para a manutenção do nosso vigor físico, mental e social; das que nos acolheram afagando, acariciando, mas determinando os nossos caminhos; daquelas que pegaram em armas para garantir conquistas estratégicas importantes – dessas mulheres devemos destacar Maria Felipa. Por que não destacá-la, ela, que não foi citada na nossa briosa luta pela Independência da Bahia e do Brasil? E por que não destacar também Acotirene, Dandara e muitas outras mulheres que, ao longo da nossa história de vida, marcaram épocas e fizeram história?

Também, no dia de hoje, nós estamos fazendo história nesta Casa, porque estamos identificando pérolas negras, mulheres que, no cotidiano, nos tempos modernos, ainda mantêm vivas as nossas lutas e a presença das mulheres que, lá atrás, doaram vidas, derramaram lágrimas, irrigaram o nosso solo com o seu sangue, mas reafirmaram a nossa necessidade de luta.

Por isso, eu quero mais uma vez agradecer, parabenizando a todas as mulheres que neste dia estarão sendo contempladas por esta Casa ou neste ato identificadas no seu processo de luta a partir das instituições que as representam, mas acima de tudo, pela história das suas próprias vidas. Elas simbolizam todas as mulheres presentes a esta sessão e também as que não estão, daquelas que ainda se encontram sob a tutela dum processo de repressão às que conseguiram dar passos significativos no processo de libertação e construção de um novo momento.

Obrigado a vocês mulheres, mulheres negras, pela minha existência e por hoje a nossa Bahia poder estar dizendo que nós fazemos parte do Estado mais negro fora da África sem termos a necessidade de nos esconder, sem a vergonha que nos foi implantada e sem o sentimento – posso dizer minoritário – que foi imposto sob as nossas condições sociais de interdependência e inexistência. Somos pelo direito de dizer: “Sou negro! Sou negro! Sou negro!”

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vamos ouvir agora a declamação de poesia do Grupo Negreiros Souza.

(Apresentação poética.)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós agradecemos ao Grupo Negreiros Souza, Aline, por essa contemplação importante de reflexão, mas acima de tudo pela força dessa forte poesia. Obrigado.

Convido também para compor a nossa Marta Rodrigues, vereadora da cidade de Salvador, representando todos os vereadores e vereadoras; a Sr^a Sheila Klicia, representante da Rede de Mulheres Negras.

Neste momento ouviremos a nossa conferencista Maísa Vale, do Instituto de Mulheres Negras Odara. O tema é: Os Desafios de Ser Mulher Negra na Década Afrodescendente.

A Sr^a MAÍSA VALE:- Bom dia a todas as pessoas aqui presentes! Gostaria de cumprimentar a plenária e também a Mesa na pessoa da Exm^a Deputada Federal Benedita da Silva (palmas), para nós eterna senadora por excelência pela sua forma de atuação, pela forma como nos representou e nos tem representado com tanta altivez e dignidade. Ela representa e demonstra o que é ser uma mulher negra, o que nós chamamos de o devir mulher negra. A senhora transmite isso nas suas posições, que não são nada fáceis durante o período em que está nesse lugar. Então, nada mais do que reconhecer essa excelência.

Falar sobre a mulher negra na década do afrodescendente, na passagem da comemoração do dia 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, realmente é uma chamada para uma reflexão do que significa isso, do que significa esse sujeito em um momento tão demarcado. É um período extremamente bem definido por vários aspectos e vários marcos que perpassam pela presença da mulher negra.

Por isso que escolhi essa imagem que considero extremamente emblemática, porque demarca um feito que se constitui como um divisor de águas na luta da mulher negra nesse território brasileiro, que foi o dia da marcha das mulheres negras, em 2015, a Brasília, quando apresentamos ao Estado brasileiro uma outra possibilidade de governo pautado em outra visão de mundo, em outras possibilidades

que não é essa que está posta. São mais ações de exclusão da população negra do que de reconhecimento das contribuições desse povo na formação deste Estado.

Então, a marcha de mulheres negras é a representação que temos no sentido de que a nossa marcha continua. Nós continuamos por nossa própria conta construindo aquilo que nos debruçamos, desde o primeiro momento em que a primeira mulher negra construiu quando pisou nesse território. Quando o deputado estadual Bira Corôa disse que ele sabe de onde veio, é essa sensação que temos. Nós sabemos de onde viemos. É aí que está a diferença, não há devaneios. É pelo fato de sabermos de onde viemos, que sabemos para onde vai esse coletivo, para onde vamos enquanto coletivo. É aí que estamos cruzadas, antenadas, é nessa luta.

Então, essa definição de afrodescendente, por uma década, não surge do nada. É o resultado de um processo histórico e de uma realidade que é imposta ao povo brasileiro, de longas datas. Temos alguns aspectos que consideramos emblemáticos para que tenha se tomado essa decisão, para se construir a década, para se optar por uma década voltada para o afrodescendente. Isso se traduz no contingente de pessoas negras que ocupam esta Nação, que ocupam a América, o território americano. Duzentos milhões de pessoas se identificam como afrodescendentes, 105 milhões de pessoas também se apresentam como afrodescendentes no Estado brasileiro, ou seja, 54% dessa população se reconhece como negra.

Então, nada mais do que demarcada essa opção, essa decisão. Não é uma coisa que nasce do nada. O Estado brasileiro reconhece no momento em que se agrega a uma deliberação como essa de criar a Década do Afrodescendente. Ela se coloca no lugar de reconhecedor da dívida que este Estado tem com essa população, das negligências que vêm sendo perpetuadas ao longo dessa existência.

O ato de se alinhar a essa década, é afirmando esse reconhecimento. É por isso que a década do afrodescendente é um programa, um plano de ação. São medidas concretas no intuito de revisar essa história e reconhecer que este Estado não é constituído apenas por um grupo social, é constituído por várias pessoas, dentre elas a população negra. A Década Internacional do Afrodescendente foi proclamada pelas Nações Unidas, em 2013, por meio da resolução 68/237, e corresponde a um período que vai de 31 de dezembro de 2014 a 1º de janeiro de 2015. Isso, respaldado pelo tema: reconhecimento, justiça e desenvolvimento.

Compreendo que há um antagonismo nessa escolha do tema, porque não tem como pensarmos em desenvolvimento sem pensarmos em capitalismo, sem pensarmos num estado liberal que se sustenta no sexismo, no racismo para que consiga perpetuar a soberania de determinados grupos, a supremacia de determinados grupos, ou seja, da população branca em detrimento do bem-estar e do bem viver da população negra. Deveria ser assim? Não. A cosmovisão africana diz que não precisa ser assim, mas é assim que está constituído o modelo econômico adotado pelo Estado brasileiro, um modelo de exclusão. Por isso, digo que há um antagonismo em reconhecimento, justiça, casado com desenvolvimento.

A fundamentação legal para que o Brasil se aliasse à década do afrodescendente está na declaração de Durban – o seu plano de ação foi concebido

em setembro de 2001 – e na convenção internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial, de 1965, que está embutido o compromisso de fazer o enfrentamento a todas as formas de discriminação e assegurar os direitos humanos e universais para todos e todas, independentemente de qualquer diferença. Entretanto, não é isso que temos visto na prática.

Então, o plano de Durban, por exemplo, está para ser implantado. A Década do Afrodescendente é a oportunidade que temos de fazer com que esse plano se efetive. Um plano dessa magnitude não é para ser engavetado, como plano nenhum. Não é, secretário? Planejamento não é para ser engavetado, não é verdade? Esse programa de ação tem como alguns dos seus objetivos reforçar a cooperação nacional, regional, internacional em relação ao pleno aproveitamento dos direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos de pessoas afrodescendentes.

Por que estou trazendo esses pontos, gente? Porque a minha fala, esqueci de dizer quando iniciei, mas ela é muito mais no sentido de uma provocação, uma reflexão para nós, que somos do movimento, do que outra pretensão. É muito mais para a gente refletir e compreender desde a data em que foi assinado esse interesse do Estado Brasileiro de se agregar à década do afrodescendente, até hoje, agosto de 2017.

É necessário que a gente passe um filme e se enxergue, se enxergue nessa programação, nesse plano de ação. Um outro ponto dessa programação é a participação plena, igualitária dos afrodescendentes em todos os aspectos da sociedade. Vamos passando o filme. Vocês precisam se enxergar nesses resultados, nós precisamos nos enxergar nesses resultados.

Reconhecer que afrodescendentes foram vítimas de escravidão, de tráfico de escravos, do colonialismo, do capitalismo e continuam sendo vitimados por esses sistemas. Observem que nós precisamos... estou enfatizando, a gente precisa se enxergar nesses aspectos.

A finalidade dessa Década do Afrodescendente é propor medidas concretas para promover a sua plena inclusão, destacar a importante contribuição dada pelas e pelos afrodescendentes para as nossas sociedades, combate ao racismo, à discriminação racial, à xenofobia e à intolerância.

Pois bem, do dia em que esse plano foi assinado, do dia em que houve esse compromisso do Estado Brasileiro e, em particular, da Bahia, porque, em 2015, a Bahia foi o primeiro estado que aderiu a essa década... Aí, vemos o filme que passa em nossas cabeças. Onde nós estamos enxergando esse compromisso que foi firmado formalmente? Onde é que nós estamos enxergando isso em termos práticos? Porque, vou lhe dizer, a partir do dia em que Adero foi convidado para participar desta sessão hoje o tempo foi muito curto. Nós estávamos envolvidos com a chegada de Angela Davis e também com o encontro do Congresso do Fazendo Gênero. Foi uma coisa construída muito rapidamente por nós.

De modo que essas informações foram o resultado de uma pesquisa sobre o que havia, em torno da matéria, na *internet*, porque se nós formos para a mídia formal, obviamente, eles não cobrem esse tipo de informação. Mas na *internet* temos

a possibilidade de conseguir o máximo de informação acerca do que está acontecendo, principalmente no momento atual.

E, pasmem! O que eu trago é exatamente o que foi postado. O que trago, para mim, já é sintomático, já é problemático no sentido de que não há matérias dando publicidade a ações do governo do Estado da Bahia no sentido de implementação concreta desse pacto, dessa adesão. E isso é problemático para nós, porque é o termômetro, é por onde a gente percebe qual o lugar que nós ocupamos no Orçamento do Estado, no planejamento do Estado onde é que está a população negra, onde é que estão as mulheres negras.

Os principais objetivos colocados na Década do Afrodescendente é promover o respeito, proteção e cumprimento de todos os direitos humanos, liberdades fundamentais das pessoas afrodescendentes, como reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos; promover um maior conhecimento e respeito pelo patrimônio diversificado, a cultura e a contribuição dos afrodescendentes para o desenvolvimento das sociedades; adotar e reforçar os quadros jurídicos nacionais, regionais e internacionais de acordo com as convenções de que o Brasil é signatário; bem como assegurar a sua plena e efetiva implementação.

Nós temos grande questionamentos quando pensamos em nós mulheres negras que estamos no processo de construção, temos muita preocupação quando vem esse termo humano, Declaração dos Direitos Humanos, porque a forma como os afro-brasileiros historicamente foram tratados pelo Estado brasileiro se distancia e muito do que compreendemos como ser humano.

Ações realizadas na Bahia.

Então, é como disse, aparecem informações muito pontuais, e isso, para nós, é muito preocupante, por isso que penso que essa iniciativa do deputado de trazer hoje para essa homenagem uma série de organizações do Movimento de Mulheres Negras e do Movimento Negro, é importante que essa vinda para cá seja muito mais uma possibilidade de fomentar novos momentos, porque precisamos ouvir diretamente dos porta-vozes do governo do Estado, dos porta-vozes da Assembleia Legislativa e do Judiciário, de fato, de que forma eles se inserem, de forma concreta, nessas ações. Porque a mídia não fala, e se ela não fala, de que forma vamos saber o que de fato, para além disso que estou trazendo aqui, o Estado baiano está fazendo em relação à Década do Afrodescendente?

Então, em 2015, a Bahia foi o primeiro Estado a aderir oficialmente a essa proposta da Década.

Em 2016, o UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas se insere também na realização da Década, constitui-se o grupo de trabalho do qual constam... além de algumas organizações do movimento social – na verdade, não consegui identificar quais são essas organizações –, as secretarias de Estado que compõem esse grupo de trabalho são a Sepromi, a Secult, a SEC, a Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte e a Secretaria da Segurança Pública.

Em 2017, ainda, há um convênio com relação à série *Programas sobre o Brasil*, da TVE. É um programa de entrevistas que traz uma série de celebridades, de

peças representativas da comunidade negra brasileira, para falarem sobre suas experiências, tanto individuais quanto coletivamente.

Ainda em 2017, a Sepromi lança o Agosto da Igualdade, contemplando algumas organizações do movimento com recursos para financiamento de projetos no valor de R\$ 380 mil. Projetos dessa magnitude que vocês podem perceber aí, na apresentação, ou seja, R\$ 380 mil para a Década do Afrodescendente! Desculpe-me, secretária, mas é muito pontual.

Principais dificuldades e desafios da mulher negra na Década do Afrodescendente.

Compreendemos, a partir desse apanhado rápido, é bom enfatizar, que foi feito pela *internet*, podemos perceber, a partir desse apanhado, o grau de preocupação que temos em relação à Década do Afrodescendente, não apenas pelo fato de não estar sendo dada publicidade às ações. Quero crer que muitas coisas estejam em andamento ou sendo executadas no sentido de que, realmente, aqueles objetivos que foram enfatizados e assumidos, enquanto compromisso, pelo governo do Estado da Bahia, de fato, estejam acontecendo e possamos, em algum momento, sentar para avaliar e contribuir, a partir do lugar que ocupamos.

Afinal de contas, o movimento nunca esteve tão ativo, principalmente o Movimento de Mulheres Negras, tão no seu auge de vigor como se encontra neste momento. Então, há uma enorme disposição do movimento no sentido de contribuir para que essa década, de fato, repercuta de forma positiva na vida de cada pessoa negra.

E eu gostaria de enfatizar, a partir desta fala, que no dia da assinatura dessa adesão o companheiro Gilberto Leal disse, numa matéria, que temos muita coisa produzida. Precisamos pontuar, sistematizar o que foi feito como política pública até o momento, porque sabemos que foi feito, e adotarmos a partir desse ponto, e como resultado dessas avaliações.

Não diremos, aqui, que tudo o que foi feito, até o momento, foi ótimo, deu resultado e houve o deslocamento da população negra. Não é assim. Precisamos pontuar e perceber em que poderíamos melhorar e em que poderíamos avançar.

Então, fica para nós, mulheres negras, a questão da quebra dos paradigmas, coisa que Lula fez muito bem quando aumentou o número de estudantes negros nas universidades, quando diziam que tinha que tirar um branco para colocar um negro. Precisamos fortalecer a nossa rede de solidariedade para continuarmos esse debate apoiando umas às outras.

Precisamos também descolonizar nossas mentes no sentido de rever onde estão nossos entraves; E rever essa descolonização de nossas mentes significa matar o branco que ainda domina a nossa mente, impedindo que tomemos as decisões mais impactantes que o momento em que estamos requer.

Gostaria de agradecer pelo convite ao deputado, e dizer que ações como esta, lamentavelmente, ainda têm que existir. Entretanto, Lodara entende que Odara não faz nada sem essa articulação com outras organizações do movimento negro de que fazemos parte e construímos diariamente de forma coletiva.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Muito obrigado.

Registro a presença da deputada Fátima Nunes, que nos honra sempre com sua presença e com a contribuição que V.Ex^a sempre dá aos nossos eventos nesta Casa e à nossa lutar.

Aproveito para justificar que a ekedi Isaura Genoveva se ausentará para compromisso em outra mesa de outro evento do qual ela participará. Mas aproveito para agradecer-lhe.

Passarei a palavra a Lindinalva, para fazer os registros das presenças.

A Sr^a Lindinalva:- Bom dia a todas e todos.

Registro, e agradeço-lhes, as presenças do prefeito de Dom Macedo Costa, Egnaldo Piton; na pessoa do prefeito, agradeço à comitiva do município; da comitiva de Simões Filho, a quem agradeço na pessoa do vereador Laercio; do vereador Welson de Jesus, de Inhambupe; da presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, Creuza Maria de Oliveira; na pessoa de Creuza, agradeço pela presença às companheiras do Sindoméstico; da “majora”, alteramos mesmo, tinha presidente, mas é presidenta, e não chamarei de major, é “majora” Denise Santiago, representando o comandante-geral da PM, Anselmo Brandão; da vereadora Geovana; na pessoa da vereadora, agradeço à comitiva de Santo Amaro da Purificação; à “majora” Ana Fausta, representando o comandante do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar, coronel Francisco Teles; da vereadora Marta Rodrigues; da presidente da Associação de Mulheres Quilombolas, D. Maria do Totó, representando Cachoeira; Roseane Braga, do Quilombo da Cordoaria; e, aí, agradeço à comitiva de Camaçari; Ieda Iara Nogueira, secretária de Cultura de Dom Macedo Costa; da procuradora do Estado Dr^a Cleia Costa Santos; do Conselho da Comunidade Negra; do vice-presidente do PT de Camaçari, Bispo, conhecido como Bispo da Cultura; de Jonilson Firmino da Silva, conhecido como companheiro histórico da discussão LGBT dentro do Partido dos Trabalhadores, hoje representando a Secretaria da Educação, o Sassá; ao Tata Eurico Alcântara dos Santos, presidente do Conselho Municipal das Comunidades Negras; a Fábio Santos, representando aqui o mandato da vereadora Aladilce.

Passo e depois continuaremos registrando mais presenças. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Pedirei uma breve compreensão de toda a Mesa, porque a nossa deputada Benedita da Silva está com o voo marcado para as 13h50min, ela tem limite para ficar aqui na Casa até as 12h. E a gente não pode deixar de ouvir Benedita. Então, concederei 3 minutos para uma breve saudação, daqui da Mesa, para que possamos ouvir a fala da secretária, em nome do governador e do secretário, e, conseqüentemente, da nossa deputada Bendita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, passo a palavra, para uma breve saudação, à professora Zelinda Barros, representando o Coletivo Angela Davis, da UFRB. (Palmas)

A Sr^a ZELINDA BARROS:- Bom dia a todas as pessoas presentes.

Serei como Enéas aqui: oi, tchau! Porque 3 minutos para professora é meio complicado, vou ter que reestruturar a minha fala.

Bom, já que é o Coletivo que está sendo premiado, quero falar do Coletivo, porque não estou aqui sozinha, não represento a mim mesma.

Quero parabenizar também as companheiras Daya Araújo, Verônica Mendes, Priscila Silveira, Wellington Pereira, José Andrade, Rosemary e Luciana Lessa, que estão aqui presentes, e as que estão ausentes também que fazem parte do Coletivo: Ângela Figueiredo, Cíntia Cruz, Denise Ribeiro, Madalena Santos, Daniele Andrade, Flávia Palha, Taliane Pereira e Udinaldo.

Antes de falar do Coletivo, devo agradecer ao deputado pela iniciativa do prêmio e por ter entendido que a nossa contribuição, a partir da atuação que estamos desenvolvendo na Universidade Federal da Bahia, justifica a entrega do prêmio a nós.

(Lê) “O Coletivo Ângela Davis, representado por mim e pelas companheiras – que já falei – aqui presentes, agradece o convite feito pelo deputado Bira Corôa, presidente da Comissão Especial de Promoção da Igualdade, para participar dessa Mesa juntamente com essas pessoas que têm luta histórica na defesa dos nossos direitos, assim como pela iniciativa de premiar coletivos que lutam pelo respeito à nossa dignidade como mulheres negras, tendo como mote uma data que é especial para nós: o 25 de julho, que é o Dia Internacional da Mulher Negra Afro-latino-americana e caribenha e o Dia Nacional de Tereza de Benguela, que representa nós mulheres negras.

O Coletivo Ângela Davis – Grupo de Pesquisa em Gênero, Raça e Subalternidade, criado em 2011, por iniciativa de Angela Figueiredo e Cíntia Cruz na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, surgiu com o propósito de refletir sobre as implicações da intersecção de gênero, raça e classe em fenômenos e contextos socioculturais diferenciados e de produzir subsídios teóricos à compreensão dos mecanismos que fundamentam o processo de exclusão das mulheres negras, minorias sexuais e outros grupos subalternizados, assim como as formas de resistência por nós engendradas. A partir de uma perspectiva interdisciplinar e que dialoga com a comunidade interna e externa à universidade, desenvolve pesquisas e ações de ensino e extensão que recobram um amplo espectro temático.

Reconhecemos que a condição de possibilidade de existência de um coletivo com este perfil na universidade é dada pelo resultado das lutas por acesso à educação travadas por mulheres negras que nos antecederam e que nem sempre puderam, elas mesmas, acessar esses espaços. Nosso desafio tem sido permanecer na universidade sem assimilar os vícios que têm redundado numa postura reprodutivista de teorias e práticas políticas que nos sufocam e contribuem para a violência epistêmica com que nos deparamos com especial vigor nessa conjuntura política.

Sobre o tema desta mesa “Os Desafios de Ser Mulher Negra na Década Afrodescendente”, entendemos que os desafios impostos a nós transcendem esse marco, uma vez que ser mulher negra no Brasil já é o nosso desafio, e se formos mulheres negras que entendemos e tentamos nos desvencilhar das artimanhas do racismo, da misoginia, da homofobia e dos demais eixos de opressão, aumenta ainda mais esse desafio.

Nos deparamos com um contexto em que princípios fundamentais dos direitos humanos, como a não-discriminação e a igualdade perante a lei e o direito à igual proteção da lei, vêm sendo sistematicamente desafiados pelo modelo seletivo de justiça que impera em nosso País, em que a punição é mais severa para pessoas negras e o indulto por crimes fartamente comprovados ou mesmo o afrouxamento das penas é dado a pessoas brancas e de maior poder aquisitivo.

O que é prescrito pelo Programa de Ação de Durban e demais instrumentos internacionais e nacionais de direitos humanos, cuja execução deveria nortear as ações desta década, parece se insinuar timidamente nas ações voltadas para afrodescendentes num período em que reconhecimento, justiça e desenvolvimento deveriam ser os princípios orientadores das ações em atendimento às nossas demandas, as demandas da população negra.

Ações de cooperação em nível nacional, regional e internacional para que nós os chamados afrodescendentes, possamos gozar plenamente dos nossos direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos ainda precisam ser realizadas, e com o alcance necessário para que seus efeitos possam ser percebidos por este segmento que representa metade da população deste País. A nossa diversidade cultural e a nossa história precisam ser respeitadas e o seu conhecimento deve ser efetivado nas escolas, uma vez que já dispomos de dispositivos legais suficientes para amparar tais ações, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e a Lei nº 10.639/03.

Mulheres, crianças e jovens negros continuam demandando intervenções mais eficientes para que os efeitos do racismo possam ser debelados. A revisão exaustiva da legislação nacional com o objetivo de identificar e abolir os dispositivos que impliquem discriminação direta ou indireta parece que têm sido cumpridos ao contrário aqui no Brasil, a exemplo da intensificação da precarização do trabalho de homens e mulheres negros, como vimos na reforma trabalhista recentemente aprovada.

A participação da sociedade civil, amplamente preconizada nos documentos que fundamentam as ações desta década tem sido limitada ou dissimulada para atender interesses espúrios.

Entendemos que o principal desafio é fazer com que o racismo institucional que estrutura organismos governamentais seja debelado para que possamos oxigenar a nossa jovem democracia asfixiada e prover às cidadãs e aos cidadãos negros os meios adequados ao exercício da cidadania efetiva.”

Então, gente, é isso.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra à representante do movimento Dandaras do Sisal.

A Sr^a CREUZA JURITY:- Bom dia a todas. Estou representando não só a mim, mas o movimento de mulheres negras Dandaras do Sisal, as minhas companheiras que estão aqui presentes e as que não estão. Gostaria de registrar Elaine Lima; Ivoneide Bispo, que hoje também está fazendo aniversário e mesmo em processo de cirurgia veio por entender que é um momento importante para nós, mulheres negras e, principalmente, falando sobre as mulheres negras do interior e aí falamos dessa década dos afrodescendentes, realmente precisamos nos encontrar nesse espaço, Mailsa, onde estamos nessa década dos afrodescendentes.

O Movimento de Mulheres Negras Dandara do Sisal surgiu há um tempo já, mas viemos a dar esse nome a partir da articulação da rede de mulheres negras do Estado da Bahia, e aí tivemos o momento de dar o nome Dandara, porque foi uma mulher que lutou ao lado de Zumbi e sempre foi invisível para muitos, mas para nós que lutamos e continuamos na luta é muito importante falarmos sobre esse lugar de onde viemos.

Outra pessoa que está aqui presente é Patrícia Sousa com a sua filha Ádila Sousa. Como sei que o tempo está escasso e outras já me contemplaram nas falas e viemos também para ouvir a nossa querida e eterna senadora Benedita da Silva. Viemos para isso e estamos aqui e em nome das Mulheres Negras Dandara do Sisal, do nosso interior, agradecemos ao deputado Bira Corôa pelo convite. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos. Concedo a palavra, à capitã Edilânia Aguiar representando o Centro Maria Felipa, da Polícia Militar do Estado da Bahia.

A Sr^a EDILÂNIA AGUIAR:- Em nome do deputado Bira Corôa, Presidente da Comissão de Promoção da Igualdade da Casa do povo saúdo todos e todas civis presentes por meio da nossa majora Denise cumprimento minhas colegas militares.

Antes de mais nada quero agradecer o convite e a responsabilidade de vir aqui representar as mulheres da Polícia Militar através do Centro Maria Felipa.

Para conhecimento geral, em 1989, há 27 anos atrás, a hoje quase bicentenária, Polícia Militar, abriu as portas para 107 bravas mulheres desbravarem esse ambiente, até então, tido como somente um ambiente masculino. E hoje colhemos frutos dessas desbravadoras, temos mais de 4 mil mulheres policiais militares atuando na nossa corporação. (Palmas) E na labuta, nessa luta de ocupar o nosso espaço, que até então não era aceito, então nessa luta, no dia 10 de março de 2006, colocando em prática a ideia da major Denise o então Comandante Geral, o Coronel Santana, criou o Centro Maria Felipa, justamente com o objetivo de criar ações em que esta mulher se sentisse inserida, a fim de nortear essas atividades, que até então não eram previstas. O Centro foi criado há 11 anos atrás e desde este período estamos lutando para sermos aceitas, não apenas pela instituição, mas pela a sociedade que ainda vê a

mulher como sexo frágil, que não tem capacidade de exercer uma profissão que exige a força.

Ainda referente ao nome, o deputado falou aqui sobre a nossa heroína negra, Maria Felipa, e por entender que as policiais militares elas são, sim, heroínas por estarem todos os dias na labuta cuidando de todas as pessoas, esse nome foi escolhido. Não só pelo fato de ser uma heroína negra, mas também pelo fato dela não se travestir de homem para ser aceita, pois muitas vezes a mulher precisa fazer isso, se transvestir de homem para ser aceita em determinados locais e esse nome é justamente para que se afirme isso. Nós mulheres policiais militares não precisamos nos transvestir de homem

Nós mulheres policiais militares reconhecemos que muitos avanços já foram alcançados e reconhecemos também que a luta é árdua e que precisa de momentos como esse, precisa, realmente, de reconhecimento do nosso trabalho que vem sendo feito. Sabemos que a questão do reconhecimento é algo que viemos alcançando. Temos certeza disso. Nossa luta na Polícia Militar, através do Centro Maria Felipa, é uma luta simples, é uma luta por igualdade, e continuaremos lutando, lutando até que sejamos respeitados e tratadas de maneira igual.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu vou conceder a palavra à representante da SPM, Uiara Lopes. Logo depois de Uiara eu vou quebrar um pouco o protocolo, vou ceder a palavra a Benedita para ela fazer a sua fala. Fazemos as homenagens e recomeçamos com o tempo da Mesa para não quebrarmos o ciclo e também não inviabilizarmos a fala de Benedita, pelo esforço que ela fez para nos contemplar, mais uma vez, com a sua presença.

A Sr^a UIARA LOPEZ:- Bom dia a todas e às minhas mais velhas a benção. Eu quis vir aqui para falar em especial para a deputada Benedita. Em 2001 foi a minha melhor experiência com ela por isso eu fiz questão e pedi para falar. Nós, meu filho e eu, estávamos indo para a pré-conferência de Durban e não tínhamos conseguido resolver a passagem. Eu descobri o *email* dela, mandei mensagem e disse que gostaria muito de participar, porque eu iria ouvir a fala de uma figura que para mim era muito importante e aí ela mandou: “Não se preocupe, vou resolver.” Mandou o número pessoal dela, nem sei se ela se lembra mais, porque foi tanta coisa no processo. E eu liguei para ela, e falei: “Como é que faço? O que eu faço para ir?” Foi a minha primeira experiência estando com tantas pessoas que eu admirava muito, porque são pessoas que têm história da militância no movimento negro, mas a quem ainda não tinha acesso. Entre outros, na época, eu queria ouvir a conferência do professor Ubiratan Castro.

No outro dia, a minha passagem e a do meu filho estava no meu *email*. Eu fiz um pequeno histórico dizendo que era uma mulher negra militante da Unegro e que não tinha conseguido fazer uma articulação para conseguir chegar até lá. Isso é que é importante. Construir as relações, não pelos rótulos que trazemos, ou pela história

que alguém nos ajudou a construir, mas pelo respeito de uma mulher preta com outra. Esse tipo de construção fortalece e faz com que de fato acreditemos na possibilidade de ser militante do movimento negro, acreditar que conseguimos fazer diálogo honestos, decentes sem precisar construir relações outras que não sejam a base do respeito.

Então, queria historiar isso depois de ter passado tanto tempo, puder agradecer pessoalmente, porque isso só me fez compreender a importância que tem estar na militância e no movimento social.

Falando pela secretaria queria saudar a Mesa na pessoa do deputado Bira Corôa, da deputada federal Benedita, mas pedir licença para saudar uma ancestral minha, minha mais velha, mãe Jacira, e dizer que a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres tem uma série de compromissos com a luta da mulher negra, nós assumimos compromissos em quilombos, com as mulheres marisqueiras, e na luta real do enfrentamento à violência doméstica.

Isso é cotidiano, nós fizemos várias campanhas entre elas a que tem maior expressividade que é a campanha “Respeite as Mina”. Então, o Brasil, a Bahia já conhece e estamos sendo chamadas para ir para outros lugares e pessoas têm vindo nos visitar, porque é uma campanha que pegou, colocou e consegue fazer, sim, o diferencial na luta, no enfrentamento à violência doméstica.

Agradecer a majora Denise, que tem também contribuído de forma real, em que pese todas as questões que estão envolvidas no aparelho do estado, no que tange à questão da segurança pública, mas é alguém que consegue fazer de fato a diferença e fazer a diferença bem, de forma decente, correta. Então, o meu abraço e o meu agradecimento. A Secretaria tem essa relação com a Ronda Maria da Penha e faz questão de ter essa construção de forma parceira com os aparelhos do Estado.

Quero deixar aqui um abraço para todas vocês que estão aqui, os homens sintam-se parte, e dizer que a Secretaria está aberta a visitação para a gente construir várias ações e aproximar cada dia mais os nossos vínculos.

Agradecer a Creuza, deixar um abraço e é isso. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, quero conceder a palavra à deputada federal Benedita da Silva. (Palmas). Aproveito para comunicar que daremos continuidade, mas em função do voo da nossa deputada Benedita, quebrarei o protocolo.

A Sr^a BENEDITA DA SILVA:- (A Sr^a Deputada Benedita da Silva entoa um canto.)

*“Eu sou mulher negra, mulher brasileira,
mulher de luta,*

E mulher de fé” (Palmas)

A Sr^a BENEDITA DA SILVA:- Quero cumprimentar o meu amigo, companheiro, deputado Bira Corôa, que tem uma marca que mexe com os meus

sentimentos, porque considero essa uma das maiores homenagens que o mandato pode fazer na afirmação e na sua responsabilidade com a comunidade negra em geral, mas destacando aquela que é, e que sempre será, a orientadora, que vem desde a sua mãe até o acompanhamento do crescimento e da luta que se travou nos quilombos e da luta que se travou nas senzalas pelos sinhozinhos da Casa Grande, que querem voltar para retirar de nós mulheres negras o que conquistamos até agora. (Palmas)

Quero saudar nossa secretária que tem uma responsabilidade neste Estado de poder fazer acontecer a igualdade racial e poder, sobretudo, impedir que política nacional, que política federal impeça de poder ir adiante e não cortar os recursos que estão colocados para as ações afirmativas, para o empoderamento da comunidade negra e, particularmente, da mulher negra. (Palmas) Em nome dos dois, quero saudar, e mais particularmente, as iálorixás aqui presentes e toda a sua equipe e demais autoridades.

Quero apenas fazer uma saudação, hoje Luiz Inácio Lula da Silva se encontra no meu estado, e temos uma agenda que começou às 11 horas no estado do Rio de Janeiro, mas eu não poderia deixar de estar aqui com vocês. Hoje também é a estreia do meu bonitão Pitanga, e não vou comparecer à estreia do meu bonitão Pitanga, porque estarei na agenda de Luiz Inácio Lula da Silva. Mas esta agenda aqui seria impossível eu derrubá-la.

Por isso, quero agradecer mais uma vez ao Bira pelo carinho e pelo respeito que tenho tido. Mas quero lembrar de um homem, Bira, que todos nós acompanhamos tristemente a sua partida que é Luiz Melodia. Luiz Melodia não era apenas um cantor. Ele era um homem comprometido com a luta do nosso povo e cantava glória e sangue, temor e tremor todas as vicissitudes por que passam a nossa comunidade. Ele deixou uma saudade imensa no meu coração, porque tenho dele uma lembrança. É bom quando nós não esquecemos. É bom que quem pratica o ato esqueça totalmente, porque é o seu dever fazê-lo, mas é bom que aquele que é beneficiado possa lembrar-se que foi um momento importante.

Eu, Bira, deixei este momento para prestar a minha homenagem a Luiz Melodia (Palma). Não o fiz no momento do velório, não fui no momento do funeral. Não o fiz porque não dei nenhuma entrevista para imprensa alguma, porque acompanhei o meu companheiro que um dia abriu sua casa e chamou todos a quem considerava importante da comunidade negra para dizer que eu estava representando aqueles interesses e que, por conseguinte, ele não admitia que nenhuma daquelas pessoas para quem ele abriu a sua casa para que pudessem falar da política nacional brasileira não pudessem me apoiar. Daí daquela casa saíram *jingles*, saíram os depoimentos, saiu tudo que provavelmente eu, com a minha representatividade, não teria condição de fazer. E Luiz Melodia assim fez.

Eu digo isso – e por que digo isso agora? –, mais uma vez, para dizer para você Bira, tratando-o na intimidade como uma excelência que é o deputado, pelo seu carinho com a gente, a gente mulher negra. A gente que está aqui, a gente que vai ser homenageada, aqueles que já foram homenageados. Isso é muito bom, reforça o nosso compromisso com a luta.

Quero encerrar dizendo que vivemos um momento tremendo, terrível. Eu, com os meus 75 anos, não pensava mais passar por tudo quanto nós estamos passando. Mas temos a marca da resistência! E nós haveremos de resistir! Resistimos na senzala e na Casa Grande, criamos a nossa estratégia. Estamos todos aqui representados nas nossas lutas que travamos. Não vamos permitir que o “sinhozinho da Casa Grande” venha retirar de nós aquilo que conquistamos a duras penas, porque quando damos o nosso voto, quando nós fazemos as nossas escolhas estamos “amarrando” compromissos, compromissos de políticas que possam ajudar nessa grande luta, que não se finda em um processo eleitoral.

Nós viemos da senzala, já tiramos as nossas correntes e não vamos permitir que o “sinhozinho da Casa Grande” rasgue uma Constituição que nos garantiu direitos! Não vamos permitir que o “sinhozinho da Casa Grande” pegue o seu “chicote” e diga que a nossa escola vai ser uma escola sem partido, porque uma escola sem partido é uma escola sem história, é uma escola sem dar a oportunidade principalmente a nós mulheres negras. Não vamos permitir que rasgue uma Constituição que garante que os remanescentes possam ter a titulação das suas terras! Não vamos permitir que os ruralistas tomem as terras dos quilombolas, porque sabemos que eles são... Porque nós, o nosso nome, mulheres negras, é resistência, e não vamos permitir!

Não iremos permitir que volte a escravidão, tirando de nós o nosso direito de receber um salário, de ter um trabalho digno e fazendo das trabalhadoras domésticas, mais uma vez, um objeto para o senhorzinho. Nós não iremos permitir!

Mas nós não iremos permitir não só isso. Nós não iremos permitir que eles possam passar leis cada vez maiores em que eles punem os negros e as negras. Nós mulheres negras já estamos cansadas de enterrar os nossos filhos e as nossas filhas. Porque eles têm uma marca que para nós é digna, é especial, porque são os nossos filhos e as nossas filhas negros, e nós temos orgulho disso! (Palmas.) Temos orgulho de ter os nossos filhos e não vamos permitir isso jamais. Os donos da Casa Grande, os senhorezinhos no Congresso Nacional brasileiro, que querem, cada dia mais, armar o povo contra o povo, é isso o que eles fazem, armam o povo contra o povo para disfarçar. Mas é para disfarçar como eles são corruptos, perversos cruéis! E nós vamos dizer basta! Porque já saímos do tronco e não vamos voltar nunca mais!

Um beijo no coração e obrigada, Bira Corôa, por esta grande homenagem que presta a nós, mulheres negras! (Palmas.)

(A plenária se manifesta com palavras de ordem “Fora Temer”!)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Veja como os fatos e os acontecimentos não são por acaso: a homenagem é intitulada “Benedita da Silva - Pérola Negra”. Pérola Negra é uma música de Luiz Melodia que nos representa, nos identifica.

Neste momento, eu vou mudar um pouco o roteiro, vamos fazer a entrega das homenagens e depois vamos dar a sequência às falas da Mesa, até porque Benedita ficaria à disposição até a hora de sair. Fica bom assim?

Peço desculpas e agradeço também, ao mesmo tempo, a compreensão de toda a Mesa, mas a palavra vai ser novamente franqueada para que todos possam fazer as suas colocações.

Quero convidar a secretária Fabya Reis para fazer a entrega da primeira homenagem à nossa sempre presente homenageada Benedita da Silva. (Palmas.)

(A Sr^a Benedita da Silva recebe a homenagem.) (Palmas.)

Quero também dizer que a homenagem, sempre realizada com a boneca, iniciou-se com uma placa. (Uma senhora mostra a placa à Plenária.) Olhem a placa, o Troféu Pérola Negra, que ela recebe aqui. Mas a última edição fizemos com a boneca e essa boneca passou a simbolizar muito mais a presença real da mulher e da mulher negra, a gente vê isso. Portanto, todas as próximas edições serão com a boneca.

Quero dizer que Benedita da Silva, inclusive, na última edição, identificou muito bem a presença da boneca e teve dificuldades, pois ela levou uma só e os dois gabinetes dela ficaram disputando a boneca, o de Brasília e o do Rio de Janeiro. Ela resolveu isso levando a boneca para a casa dela para não ter briga nos gabinetes.

Neste momento, eu vou convidar a *ekedi* Rose Mary para receber a homenagem em nome da Rede de Mulheres de Terreiro. Vou solicitar que Iara faça essa entrega.

A Sr^a Lindinalva:- Um pequeno histórico.

(Lê): “- A Rede de Mulheres de Terreiro foi criada em novembro de 2010 com representação de Terreiros de Candomblé de Salvador, Região Metropolitana e do Recôncavo baiano. Inicialmente, a Rede contou com a colaboração da Molimnbra, organização de mulheres negras, que ajudou na sua formação. Atualmente, a Rede conta com cerca de 80 representantes de diversos terreiros de Candomblé da Bahia.

Essa articulação em rede visa a fortalecer as mulheres de terreiro nas suas demandas sociais e políticas, para que sejam bem representadas nos espaços de poder do Estado da Bahia.”

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido, neste momento, representando o Odara - Instituto da Mulher Negra, a Sr^a Maisa Vale para receber, das mãos do Secretário Carlos Martins, esta honraria.

A Sr^a Lindinalva:- (Lê) “Odara - Instituto da Mulher Negra, fundado em agosto de 2010, é uma organização feminista negra que visa superar em nível pessoal e coletivo a discriminação e o preconceito, bem como buscar alternativas que proporcionem a inclusão sociopolítica e econômica das mulheres negras e de seus familiares na sociedade. O Instituto surgiu a partir das especificidades das mulheres negras, que, na sociedade brasileira estruturada pelo racismo, pelo sexismo e por todas as formas de opressão, pressupõem um conjunto de desvantagens, tais como: menor salário, menos acesso a níveis elevados de formação, maior responsabilidade no sustento familiar, maior índice de desemprego e miséria, e que, quando articuladas, impõem a discussão da exclusão da mulher negra na sociedade.”

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido o Movimento de Mulheres Negras Dandara do Sisal, representado por Creusa Juriti, para receber, das mãos de Benedita da Silva, mais essa honraria.

A Sr^a Lindinalva:- (Lê) “O Movimento de Mulheres Negras Dandara do Sisal surge a partir da articulação da Rede de Mulheres Negras da Bahia em 2013 e está presente hoje em 12 municípios do Território do Sisal. O Movimento é resultado da articulação das mulheres no Território para participar da Marcha Nacional de Mulheres Negras. Tem como objetivos acolher e propor políticas públicas para as mulheres negras rurais e dos PCTs na garantia do direito de bem viver.”

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Isso é um presente de aniversário.

Convido a Sr^a Ligia Margarida, representante da Rede de Mulheres pelo Fortalecimento do Controle Social das Políticas Públicas, para receber, das mãos da secretária Fabya Reis, essa honraria.

(Entrega da honraria.)

A Sr^a Lindinalva:- (Lê) “A Rede de Mulheres Pelo Fortalecimento do Controle Social das Políticas Públicas é um movimento da sociedade civil organizada para fortalecer o controle social das políticas públicas por mulheres negras e de periferia e dar continuidade à luta histórica das mulheres negras para viverem com dignidade, autonomia e sem violência. Igualdade de direitos entre homens e mulheres é a nossa meta. Surgiu em 2011 e permanece ativa.”

A Rede articula-se juntamente com mais seis organizações de mulheres negras no Subúrbio.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido a vereadora Marta Rodrigues para entregar essa honraria à professora Zelinda Barros, do Coletivo Angela Davis, da UFRB.

A Sr^a Lindinalva:- (Lê) “- Coletivo Angela Davis - Grupo de Pesquisa em Gênero, Raça e Subalternidade da Universidade Federal do Recôncavo (PPGCS/UFRB). Criado em 2011, o Coletivo Angela Davis – Grupo de Pesquisa em Gênero, Raça e Subalternidade tem como objetivos refletir sobre as implicações da intersecção de gênero, raça e classe em fenômenos e contextos socioculturais diferenciados; produzir subsídios teóricos à compreensão dos mecanismos que fundamentam o processo de exclusão das mulheres negras, minorias sexuais e outros grupos subalternizados, assim como as formas de resistência por eles engendradas. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, desenvolve pesquisas e ações ensino e extensão que recobrem um amplo espectro temático, como saúde, políticas públicas, sexualidades, violência, educação e cibercultura.”

O Sr. PRESIDENTE:- Quero convidar a capitã da PM Edilania Aguiar para fazer a entrega, representando o Centro Maria Felipa.

(Entrega da honraria.)

A Sr^a Lindinalva:- (Lê) “O Centro Maria Felipa surgiu de uma participação da Capitã PM Denice Santiago e da Capitã PM Cláudia Mara Mendes em um evento em celebração aos 50 anos de ingresso do segmento feminino na polícia, no Estado de

São Paulo, no ano de 2005. Ao se depararem com um grupo de mulheres com diagnóstico de depressão e uma série de tentativas e efetivação de suicídios creditados à vida laboral, essas solicitaram ao Comando Geral a criação de um núcleo de gênero na PMBA que possibilitasse o pensar feminino na Instituição.

Criado em 10 de março de 2006, através da portaria nº 14 do Exmº Senhor Coronel PM Antônio Jorge Ribeiro de Santana, o Centro tem como objetivo implantar ações sistematizadas, objetivando estabelecer um núcleo de estudos, consultas e assessoramento para o segmento feminino da PMBA.”

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa): - Quero convidar para receber também essa nossa honraria, representando a Rede de Mulheres Negras, a Srª Sheyla Klícia. (Palmas.) Receba a honraria das mãos da nossa deputada Benedita da Silva.

A Srª Lindinalva:- (Lê) “Criada oficialmente em 2013, a Rede de Mulheres Negras do Estado da Bahia tem o objetivo de fazer a articulação, a mobilização e o fortalecimento dessas mulheres no Estado Bahia, além de ter organizado a participação da delegação baiana para a primeira Marcha Nacional das Mulheres Negras, em 18 de novembro de 2015, em Brasília.

A Rede é composta por organizações de mulheres negras, mulheres negras autônomas, organizações mistas e outros grupos afins; é um espaço político para todo tipo de organização de mulheres e de mulheres negras, que trabalha pela construção da equidade social, racial, de gênero e pela eliminação da lesbofobia.”

(A Sra. Deputada Federal Benedita da Silva entrega a honraria a Srª Sheyla Klícia.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero, neste momento, convidar, representando o município de Dom Macedo Costa, a Srª Antônia da Conceição Ferreira Santos. (Palmas)

Convido o prefeito Guito para fazer essa entrega.

(O Sr. Prefeito Egnaldo Piton faz a entrega da honraria.) (Palmas.)

A Srª Lindinalva:- (Lê) “A Sra. Antônia da Conceição Ferreira Santos nasceu em 11 de março de 1973 no município de Dom Macedo Costa, no Recôncavo Baiano. Casada, mãe de dois filhos, seus pais eram lavradores no município. É graduada em Geografia e pós-graduada em Gestão em Saúde Pública. Em 1994, aos vinte anos, ingressou nos movimentos sociais da Igreja Católica como líder e, posteriormente, coordenadora da Pastoral da Criança, onde atua até o presente momento.

No ano de 2008, foi aprovada no vestibular, entrou na UNEB no curso de Geografia e tratou de conciliar a geografia com a saúde, em especial a saúde da população negra, dedicando-se a pesquisar sobre anemia falciforme, que se tornou seu objeto de estudo e tema de monografia. Com isso, pôde fazer o mapeamento de todos os moradores do Município de Dom Macedo Costa com a patologia da anemia falciforme.” (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido para receber a honraria, representando o Município de Santo Amaro, a Srª Lindinalva de Almeida Belmonte.

Convido também, para fazer a entrega, a vereadora Geovana.

(A vereadora Geovana faz a entrega da honraria.) (Palmas.)

A Sr^a Lindinalva:- Não sou eu, não. (Lê) “Lindinalva de Almeida Belmonte nasceu no dia 4 de junho de 1966 na Fazenda Glória, no povoado de Subaé, em Santo Amaro da Purificação. Formou-se em Magistério, é graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia.

Gestora da Escola Pingo de Ouro, na qual desenvolve ações pedagógicas de valorização do ensino inclusivo que tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança, acredita que é no espaço escolar que a criança estará ingressando em um grupo social diferente da sua família. É nesse espaço que ela irá compreender e se perceber como sujeito que é capaz de construir e de aprender.” (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido, representando o município de Simões Filho, e representando o Quilombo do Dandá, a Sr^a Paula do Dandá, e ao mesmo tempo convido o vereador Aécio para que faça a entrega dessa honraria. (Pausa).

A Sr^a Lindinalva:- Ana Paula Maura dos Santos, conhecida, carinhosamente, como Paula do Dandá, no município de Simões Filho, mulher negra quilombola, entra na militância em 2004, quando participa de uma reunião do Quilombo do Dandá e é votada para integrar a diretoria da Associação Aquidandá, como tesoureira do Quilombo onde reside. Atualmente enfrenta uma árdua batalha na Justiça contra a Empresa Naturalle, que tem pretensões na instalação de um lixão nas terras quilombolas do Dandá. Luta pela garantia dos direitos das comunidades quilombolas do seu município de Simões Filho, no território da Região Metropolitana. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido, nesse momento, a representante do município de Inhambupe, Makota Joanice Gomes, para receber a honraria das mãos do vereador Pai Welson.

A Sr^a Lindinalva:- Makota Joanice Gomes dos Santos, natural de Inhambupe, território do Litoral Norte e Agreste de Alagoinhas, é agente comunitário de saúde, atua no município na luta contra o ódio e crime religioso. Integra a Associação Religiosa e Cultural do Terreiro Filos de Kambaraguanji, onde desenvolve ações como palestras e encontros na comunidade onde está localizado o Terreiro, por entender que os Terreiros sempre foram espaços organizativos da preservação identitária da população negra e garantia dos direitos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido, representando o município de Cruz das Almas e representante quilombola, a Sr^a Miriam Feliciano de Barros. Aproveito para convidar a deputada Fátima Nunes para fazer a entrega dessa honraria.

A Sr^a Lindinalva:- Miriam Feliciano de Barros, natural de Cruz das Almas, quilombola do Quilombo Vila Guaxinim, onde é atual presidente da associação. Prestou serviço como instrutora de costura industrial na fábrica Bibi Calçados Nordeste, formada em tecnologia em gestão de cooperativas pela UFRB. Militante das causas das mulheres, dos quilombos e dos agricultores. Atuou como assessora de gênero no Núcleo Estadual de Desenvolvimento do Território, com grande

protagonismo no território do Recôncavo, no que se refere às informações sobre políticas públicas e desenvolvimento dessas comunidades. Atualmente está como coordenadora de mulheres do Núcleo de Desenvolvimentos Quilombola do Território do Recôncavo e chefe da Divisão do Departamento de Reparação Racial, da Secretaria Municipal de Políticas Especiais de Cruz das Almas. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero, nesse momento, representando o município de Camaçari e representando, também, Nívea Nascimento de Brito, quero convidar a Sr^a Rose, do Grupo de Ação e Assistência do Quilombo de Cordoaria, do município de Camaçari e convido, neste exato momento, também, uma representante quilombola para fazer essa entrega, Maria de Totó, uma das lutadoras pela afirmação dos quilombos no nosso Estado, da região da Bacia do Iguape, uma das regiões onde tem a maior concentração de quilombos reconhecidos no nosso Estado. (Palmas)

(Pausa)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- É a última, mas fica sempre a sensação de que a gente tem que oferecer muito mais. Eu quero, inclusive, chamar a atenção de que a gente, quando vai selecionar as honrarias de cada ano, sempre fica numa dúvida muito grande, porque todas as mulheres de luta mereciam estar sendo homenageadas, mas, infelizmente, a gente tem que a cada ano conceder apenas a algumas.

Eu quero, neste momento, chamar a Sr^a Maria de Totó, também homenageada, representando toda a Bacia do Iguape, uma concentração de 19 quilombos naquela região. (Palmas)

Quero convidar o ex-deputado e companheiro de muitas lutas, Isaac Cunha, para fazer a entrega dessa honraria. (Palmas)

(Pausa)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa): - Para não dizer que não falei de flores, vou fazer a entrega de uma também. Quero convidar a todos e todas aqui presentes, antes de mais nada, pois a nossa deputada Benedita disse que não sai daqui se não conseguir uma foto com todos as homenageadas no dia de hoje. Eu quero, neste exato momento, ter o privilégio de fazer a entrega à Sr^a Fabya Reis.

(Lê) “Natural de Itamaraju, no extremo Sul da Bahia. Iniciou sua vida política aos 17 anos no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Na organização atuou diretamente, durante 13 anos, na organização de projetos, assessoria e mobilização, além da articulação com universidades e outros movimentos sociais. Graduou-se em Administração, focando na dinâmica do terceiro setor. É mestra em sociologia pela Universidade Federal do Campo Grande. Na mesma instituição de ensino, tornou-se doutora em Ciências Sociais no ano de 2012, além de pós-doutora em 2014. Atualmente, gestora pública da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, que faz 10 anos, e presidente do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra, que faz 30 anos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar todas as homenageadas para que venham aqui na frente para que Benedita da Silva e a secretária possam fazer uma foto com todas.

(Todas as homenageadas se reúnem para tirar uma foto.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vamos recompor a Mesa para darmos continuidade à sessão.

A deputada Benedita da Silva comunica a necessidade de se ausentar. Agradeço a compreensão de todos e retomamos aqui as nossas atividades.

Aproveito para comunicar também que o secretário Carlos Martins também, assim como a deputada Benedita da Silva, teve um compromisso e teve que se ausentar, agradecemos a presença, ele comunicou que a fala da secretária Fábiana o representa na condição de governo.

Nesse momento, concedo a palavra, representando a Rede de Mulheres pelo Fortalecimento e Controle das Políticas Públicas, a Sr^a Lígia Margarida.

A Sr^a LÍGIA MARGARIDA:- Bom dia a todas as pessoas que estão aqui. Quero cumprimentar, com a saída da Benedita, que foi realmente um grande momento para todas nós ouvirmos a Benedita, quero cumprimentar a Mesa, pedir licença ao deputado, na pessoa da secretária Fábiana e da amiga Marta Rodrigues e as demais mulheres que estão na Mesa por conta dessa importante sessão, desse importante momento que é estarmos aqui.

Estou representando a Rede de Mulheres pelo Fortalecimento do Controle Social. Controle social é algo extremamente complexo, não é fácil. Mas nós ousamos falar que estamos, sim, fazendo o monitoramento, o acompanhamento do fortalecimento das políticas públicas. E falando disso, o recado que trago, na verdade que a gente vem representar grupos, viemos falar em nome de grupos, o que venho dizer por conta das mulheres do subúrbio, todos sabemos que são mulheres trabalhadoras, chefas de famílias e que num horário desse estão na lida. Elas mandam um abraço, deputado, porque estão nesse momento trabalhando por conta da necessidade de prover a família. Essa é a realidade da grande maioria das mulheres negras do subúrbio que eu venho representar.

Trago também uma mensagem dessas mulheres por conta de todo o processo que conhecemos, o que ela pede, secretária Fábiana, e ao deputado, é que esta Casa como uma Casa legisladora, uma Casa onde se pensam as leis, se discutem as leis e se aprovam as leis, o que elas dizem é o seguinte: que na década dos povos afrodescendentes, que esta Casa aqui possa pensar mais do que nunca no slogan que as mulheres negras trazem que é *Parem de Nos Matar*. Então, a mensagem das mulheres negras é essa. Vamos pensar como uma grande homenagem para nós, estratégias, ações dentro desse plano que contemple esse desejo das mulheres que é pare de nos matar, essa é a grande mensagem que trazemos.

A outra mensagem e também sou aqui veículo das mulheres, é dizer o seguinte: as nossas meninas do subúrbio, da periferia, estão cada vez mais sendo vítimas dos abusos. É muito fácil qualquer uma das pessoas que se interessa por isso verificar e constatar que as nossas meninas estão sendo, mais do que nunca, vítimas do abuso sexual, vítimas de toda sorte de violência. Infelizmente, uma das estruturas que dão apoio as essas pessoas, a essas meninas, fechou no subúrbio, que é o Viver. Então o que as meninas, o que as mulheres pedem é: vamos fazer com que essas instituições sejam fortalecidas. Fechar instituições não nos ajuda.

A outra mensagem é essa: vamos enfrentar o racismo institucional, porque é o racismo institucional que faz com que equipamentos sejam fechados, faz com que não se avaliem a importância desses equipamentos. O que as mulheres pedem neste dia como homenagem, como atenção que o deputado Bira Corôa sempre dá e sempre deu a essas instituições no Subúrbio, a essas mulheres do Subúrbio, aos movimentos do Subúrbio, é que nós possamos ver modos de reverter o fechamento das nossas instituições. Porque fechar o Viver foi uma grande perda. Algumas pessoas dizem: “Mas o Viver não contemplava determinadas situações”. Sim, mas não adianta fechar, temos que qualificar, e não fechar as estruturas.

Então essas são as mensagens que nós queremos deixar aqui, nos 3 minutos, em nome das mulheres negras do Subúrbio, porque se nós tivéssemos 1 hora, teríamos conteúdo para 1 hora, existem muitas questões para serem debatidas. No entanto, são 3 minutos, então vamos nos limitar aos 3. Para finalizar, o que nós queremos também, em nome das mulheres negras da periferia, é dizer o seguinte: não dá mais para vermos as nossas meninas serem trabalhadoras com 12 anos de idade.

O abuso com relação ao trabalho infantil na periferia também vem se afirmando cada vez mais. E o que é que nós vamos fazer? Nós vamos comemorar as mulheres negras de ano em ano, ótimo, maravilha, nós também queremos isso, nós também precisamos disso. Mas nós precisamos, deputado, de políticas que enfrentem esse câncer social, porque as meninas negras do Subúrbio e da periferia estão, cada vez mais, sendo agredidas e violadas no seu direito de serem meninas, no seu direito de serem crianças. Admitirmos que hoje as nossas meninas ainda somam 75% de trabalhadoras infantis é muito grave.

Essa é a mensagem que nós queremos deixar aqui e agradecer, penhoradamente, a homenagem, porque nós também queremos homenagens, nós merecemos as homenagens, e eu estou aqui, hoje, representando as mulheres do Subúrbio, então estamos gratas por isso. Mas, volto a reiterar, não dá pra dormir enquanto nossos filhos não voltam. Não é, gente? É preciso políticas para preservar a vida do povo negro. Obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra, neste exato momento, a Sheyla Klicia, representando a Rede de Mulheres Negras.

A Sr^a SHEYLA KLICIA:- Bom dia a todos e a todas.

Agradeço, em nome da Mesa, ao deputado Bira Corôa, pela homenagem a Rede de Mulheres daqui da Bahia. É com muita honra que, como mulher negra jovem, estou representando a Rede. A gente vem de um trabalho feito desde 2013 e da época da Marcha das Mulheres Negras, e a gente vem consolidando isso nos municípios da Bahia, fortalecendo a questão do empoderamento das mulheres negras, principalmente da juventude.

Então a gente está aqui para agradecer esta homenagem, representando a Lindinalva... como são muitas mulheres não vou citar o nome de todas, mas temos Lindinalva de Paula, Lívia Ferreira. A gente agradece muito pela homenagem, mas

estamos em luta contra o machismo, o sexismo, a lesbofobia e todas as formas de violência contra as mulheres.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido para fazer uso da palavra a vereadora Marta Rodrigues.

A Sr^a MARTA RODRIGUES:- Quero saudar todas as pessoas aqui presentes nesta importante sessão, mas saudar a Mesa fazendo o reconhecimento ao Ex.^{mo} Sr. Deputado Estadual, meu colega de partido, com quem eu tenho uma amizade muito grande, a quem eu respeito, nosso deputado Bira Corôa. Quero dizer, Bira, que este é um momento de reflexão e de reconhecimento, e isso V. Ex^a tem feito durante os 4 anos. Nós sempre estivemos aqui acompanhando e percebendo a trajetória, o quanto é difícil estar num lugar como este, como lá na Câmara de Vereadores também é. V. Ex^a é nosso parceiro também lá, na Câmara, em todas as sessões de reflexão e de reconhecimento. Por isso, nós não poderíamos deixar de estar aqui e prestar a homenagem a essa nossa deputada federal, de luta, esta mulher que muito nos orgulha, Benedita da Silva. Pena que ela já saiu.

Assim também como Uiara – viu, Uiara? –, também fui juntamente com Benedita em uma missão internacional, quando estava presidenta da Comissão de Reparação da Câmara de Vereadores, e ela, com aquele vozeirão que todos nós ouvimos aqui, achou de fazer uma homenagem à delegação do Brasil. Aí Benedita foi e chamou todos para cantar, ela subiu com aquele vozeirão, e olhem se a minha voz iria acompanhar aquela voz de Benedita. E ela: “Vamos Marta, cante comigo”. (Risos) E eu: “Bené, eu não tenho esse vozeirão seu para lhe acompanhar”.

Ela tem toda essa capacidade. Bené é muito especial, também a homenagem que ela fez aqui a Luiz Melodia e tantos outros e outras que já tombaram, Melodia lutou, lutou, mas chegou o momento difícil, e hoje ela veio fazer essa homenagem na Bahia. Que bom que Bené está aqui, Bira, com essa capacidade de reunir todos nós em um momento difícil como este que estamos passando no País: perda de direitos, a reforma da previdência que está aí na pauta, a titularidade também das terras de quilombo. Nós precisamos, como Bené disse aqui, aumentar o tom e a nossa presença nas ruas para dizer “basta!”. A Escola sem Partido também é uma afronta à população, principalmente para nós mulheres negras e para a população pobre da periferia. Essa Escola sem Partido nada mais é do que uma forma de criminalizar, colocar mordaca nos professores, educadores, educadoras e subestimar a capacidade crítica que têm os nossos alunos.

Por isso, o momento requer, Bira, reflexões profundas – mais ainda do que estamos fazendo – e a necessidade de aumentar o nosso tom em relação às políticas públicas.

Eu quero também deixar aqui, juntamente com Lígia, o meu apoio e dizer que estamos juntos nesta luta, pena que o secretário Carlos Martins, da SJDHDS, teve que sair. A questão do projeto Viver: nós não precisamos fechar as portas de projetos

como esse, mas, sim, afirmar, reafirmar e convocar as entidades, quem o possa, para nos ajudar e não permitir que isto aconteça, então também estou solidária a você e à secretária Fabya, que tem este compromisso de luta. Durante a semana ela nos atendeu, nós estávamos discutindo uma outra temática, que é a questão dos editais, a questão da cultura para as mulheres negras em relação ao audiovisual, área na qual elas estão também invisibilizadas.

Poderíamos falar aqui, deputado Bira Corôa, horas e horas, mas o tempo não permite, e daqui a pouco a segurança alimentar e nutricional vai também nos acusar, mas eu quero lançar um desafio junto às entidades que aqui estão. Estão chegando a Iodara, o coletivo Angela Davis, as nossas ialorixás, todas que estão aqui representadas. Até o dia 31 deste mês, vai estar chegando na Câmara de Vereadores o PPA, o Plano Plurianual, no qual nós vamos discutir as prioridades, as metas, os projetos. Aí eu quero deixar esse desafio com as entidades, juntamente com Ligia, com todos vocês da Rede de Mulheres Negras, que têm uma importância, para que nós realizemos uma audiência pública para analisar e refletir sobre as emendas – para a gente transversalizá-las e pautá-las no PPA, que ainda não chegou. Mas nós, já conhecendo a gestão da Prefeitura em relação à Secretaria da Reparação, sabemos que, com certeza, não haverá todo esse debate que nós fizemos aqui hoje.

Deixo aqui a proposta, estamos no colocando para, assim que chegar, encaminhar para vocês a proposta do PPA e depois recortarmos só o que nos interessa para a realização de uma sessão, para prepararmos todas as prioridades que devemos colocar como ações, como metas de prioridades das mulheres a partir deste debate que estamos fazendo em torno dos 10 anos, da década, dos afrodescendentes.

Muito obrigada; um axé; estamos juntos; fora, Temer; e diretas já!

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu quero neste momento aproveitar a presença de João Durval para dar um forte abraço em todos os garçons e garçonetes no dia de hoje, em que é celebrado o Dia dos Garçons. E nesta Casa... (Palmas) nesta Casa nós temos uma cumplicidade – pode-se usar essa palavra – com os garçons e com garçonetes no atendimento, acompanhamento e trabalho. São companheiros de grandes jornadas, aqui às vezes a gente vira as madrugadas em debates, discussões e aprovações de projetos, e esses profissionais, sempre com esse riso, essa disposição, essa boa vontade no atendimento. E aí, João, em seu nome, quero abraçar todos os garçons da Bahia, especialmente os garçons da nossa Casa. (Palmas)

Quero também fazer um pequeno comunicado: estamos em discussão com o coletivo Angela Davis e encaminhando, com a aprovação do coletivo, a indicação do Título de Cidadã Baiana exatamente à nossa Angela Davis.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, concedo a palavra à secretária de promoção da igualdade racial, Dr^a Fabya Reis, que neste ato representa o governador Rui Costa.

A Sr.^a FABYA REIS:- Boa tarde a todas e todos, quero pedir licença à nossa ancestralidade e, com isso, pedir a bênção à nossa mãe Jacira de Oya. Quero neste

momento também trazer à memória que estamos no Agosto da Igualdade. Saímos de julho, que celebra o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, quando as mulheres do movimento social, do feminismo negro, do movimento negro tornaram o julho uma potência de ações com suas agendas, suas palavras de ordem, e a gente se orgulhou demais.

Lígia, assim como nós, também tentamos e articulamos dentro do governo do Estado ações para que pudéssemos falar, sim, do racismo institucional.

Então eu quero, em nome dessa intercessão do Julho das Pretas e do Agosto da Igualdade, marcar que o Agosto da Igualdade traz o episódio histórico da Revolta dos Búzios, que teve a contribuição de homens e mulheres. Hoje eu quero fazer referência aos nomes dessas mulheres, referenciando a nossa ancestralidade, que implantou ideais de democracia, de igualdade e fraternidade.

Portanto, presentes: Luíza Francisca, Lucrécia Maria, Domingas do Nascimento, Ana Romana, que foram as nossas mártires na Revolta dos Búzios, ainda não escritas como nossos heróis Manuel Faustino, Lucas Dantas, João de Deus e Luiz Gonzaga, que já se encontram nos livros dos heróis nacionais. Como eles, queremos figurar também nessa luta, porque ela é muito importante.

Com isso, eu já quero parabenizar a iniciativa do deputado Bira Corôa, que tem sido uma voz que tem ecoado bastante nesta Casa para que a gente possa discutir temas de enfrentamento ao racismo, às intolerâncias religiosas, deputado, e temas pelos quais a gente possa também valorizar e reconhecer a contribuição histórica do povo negro para a construção da Bahia e do Brasil.

Portanto eu quero lhe parabenizar por oportunizar e figurar na Década Internacional de Afrodescendentes a homenagem a essas mulheres que têm se dedicado à luta, com todos os desafios, todas as dificuldades, para construir e lutar cada vez mais para que a gente tenha uma sociedade que respeite as nossas diversidades e as diferenças. Então sua voz nesta Casa tem sido muito importante nessa trincheira.

Quero saudar aqui as nossas homenageadas, o coletivo Angela Davis, que esteve aqui e fez essa grande articulação para que ela viesse e reverenciasse o conjunto das mulheres da Irmandade da Boa Morte; as trabalhadoras do Sindicato das Domésticas. E aqui eu saúdo Cleuza, uma das nossas dirigentes que nos conduzem neste processo, e todas as integrantes do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Domésticas.

Quero cumprimentar o Instituto Odara, que recebeu aqui uma justa homenagem e tem sido a voz para colocar naquelas agendas o que o Estado não quer falar, Maísa, nós precisamos cada vez mais pautar a nossas agendas. E na interlocução contigo, sobre o que você coloca aqui, nós estamos abertos para que possamos construir a nossa agenda de trabalho, não só com o Instituto Odara, mas com o movimento de mulheres negras, com o movimento negro. Porque, sim, eu reconheço que o Estado é racista, o Estado brasileiro não foi feito pensando nas populações brasileiras de negros e negras, mas nós temos, justamente fruto dessa resistência, acumulado passos. Nós conseguimos construir uma Secretaria Nacional,

um Ministério Nacional, conseguimos construir um Estatuto Nacional e um estatuto no Estado.

Estamos, sim, pautando que nós figuremos numa agenda internacional para se fazer o reconhecimento da Diáspora e da contribuição do povo africano, afro-brasileiro, afro-americano, afrodescendente em todo o planeta. Portanto, o compromisso do governador Rui Costa em figurar os seus compromissos é justamente para que a gente possa avançar nessa agenda de trabalho. Por isso, toda contribuição, todo diálogo é necessário, para dentro e para fora, para darmos um passo à frente. Então eu quero agradecer e acolher para que possamos construir, cada vez mais, e aperfeiçoar as nossas políticas.

Quero saudar também a nossa companheira Lígia, que representa aqui, hoje, o coletivo Mulheres do Subúrbio no Controle das Políticas Públicas, que é também a nossa presidenta da SPD (Sociedade Protetora dos Desvalidos). Foi essa organização que estruturou, lá atrás, a luta pela abolição, pela libertação do nosso povo. Portanto, Lígia, você me representa nos lugares, com a sua voz e com a sua mensagem, e eu não tenho nenhum constrangimento em dizer que esse é um desafio, sim, sobre o qual a gente precisa falar cada vez mais.

Quero saudar a nossa representante do coletivo Odara do Sisal; nossa membra do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra, Cleuza Juriti, nossa jovem guerreira. Quero saudar todos os conselheiros e conselheiras, está ali o nosso companheiro Paulinho, estava há pouco a Dr.^a Cleia, que são membros também do nosso Conselho de Desenvolvimento, que faz este ano 30 anos.

Quero saudar a representação da nossa Polícia Militar, através do coletivo Maria Felipa, que hoje está homenageada, e que foi uma proposição, sim, das mulheres, sobretudo das mulheres negras presentes na Polícia Militar, como a iniciativa da nossa major. Eu lá atrás dizia “major” porque a palavra “majora” não existia, porque não existiam mulheres ocupando o posto, hoje existe, então a gente tem que fazer essa disputa pela linguagem também. Portanto, majora Denise, a nossa representante hoje aqui homenageada, eu quero parabenizá-la e nos colocar à disposição para que façamos, para dentro, o debate, que cada vez mais visibilize a contribuição das mulheres em todas as esferas da sociedade. Quero saudar aqui a nossa rede de mulheres, Sheyla, você que também tem representado a luta dessas mulheres aqui em Salvador, as nossas saudações, e quero dizer que essa homenagem chega como mais um incentivo, uma motivação daquilo que as mulheres já fazem cotidianamente.

Quero saudar nossa vereadora, que tem sido uma voz no Parlamento municipal, de enfrentamento, de resistência, Marta. Quantas vezes a senhora me convocar, estarei contigo para que possamos fazer também os nossos diálogos entre governo e municipalidade, entre o Legislativo e o Executivo, para avançarmos nas nossas ações.

Uiara, a representante da nossa secretária Julieta Palmeira, nossa ação do Julho das Pretas, estendendo aí respeito às pretas, está de parabéns, um abraço a nossa secretária.

E com isso encerro aqui dizendo que fiquei emocionada com a quebra do protocolo, não foi combinado com a nossa assessoria que eu seria homenageada, de modo que eu preciso, sim, dizer que esta homenagem se estende para quem constitui comigo a pessoa Fabya Reis, que são as coletividades do Movimento Sem Terra, que são coletividades do Movimento de Mulheres, que é a coletividade do Movimento Negro, das comunidades tradicionais. A gente não se constrói sozinha. Eu não falo por mim nem de mim, apenas, porque, se hoje estou secretária, é porque homens e mulheres me antecederam na luta para que existisse uma secretaria de Promoção da Igualdade Racial num Estado brasileiro. (Palmas)

Quero saudar aqui ainda a nossa cantora Rebeca Tárique, que, com a sua voz, nos encantou. Parabéns pela sua atuação, fazendo da sua voz uma voz de resistência, e também a nossa poeta, Negreiros Sousa, que colocou o seu nome de resistência. Quero lhe cumprimentar pela força de sua poesia, que nos abrilhantou nesta manhã de homenagens.

Quero dizer que fiquei muito feliz de poder estar ao lado de Benedita – que precisou cumprir uns compromissos –, pela sua história, pela potência de voz. Estivemos juntas na Marcha das Mulheres Negras, em novembro do ano passado, e ela me dizia nos bastidores quanto isso foi importante, assim como a edição da Marcha das Mulheres Negras no Estado do Rio de Janeiro. Companheiras, sei que o protagonismo e a potência dessas agendas estão nas mulheres do movimento social, estão nas mulheres do feminismo, que estão estruturando um feminismo negro, que pauta em diversas áreas, desde a área de sistematização à parte da luta concreta de enfrentamento, mas que possamos nos colocar à disposição para essa construção da Marcha das Mulheres Negras aqui, dizendo que é uma boa sugestão da nossa deputada, e isso figura também como uma mensagem aos nossos movimentos de mulheres.

Quero saudar aqui a Pai Elson, que também é o nosso vereador em Inhambupe. Sabemos da sua luta e dos debates sobre a intolerância religiosa. O senhor é atuante, ativista, como várias de nossas autoridades religiosas hoje nesta Casa, e isso também é um eixo, um dever do Estado e uma missão da Sepromi. Portanto, estamos à disposição para que continuemos construindo as nossas ações. (Palmas)

Quero saudar o vereador Laércio, de Simões Filho, que tem sido nosso parceiro; a companheira Ivana Sena, da revista Quilombo, que tem ajudado a publicizar as ações do nosso Movimento de Mulheres Negras; a nossa superintendente Fernanda Silva; quero também saudar a nossa Daniele Ferreira, dirigente do Partido dos Trabalhadores, do movimento estudantil; Evilásio Souza, representante do Nafro, da PM; e saudar Alexandra, que é da Comissão dos Povos Tradicionais.

Quero dizer que esta saudação, deputado, é no sentido de reafirmarmos os nossos compromissos. Teríamos que relatar um conjunto de ações que temos feito, mas, respeitando o nosso horário, quero dizer que o nosso esforço é para reafirmar o compromisso de combater o racismo institucional para dentro, ampliar o diálogo com os movimentos sociais da luta antirracista, do combate à intolerância religiosa, para que possamos cada vez mais dar o passo seguinte.

Tenho também duas diretrizes. Atuaremos em Salvador, porque é a nossa capital, mas estamos nos desafiando a percorrer o interior da Bahia. Já visitamos mais de 60 municípios na condição de secretária. A nossa equipe já visitou mais de 150 comunidades tradicionais neste primeiro ano, e é isso que queremos fazer. É verdade que os recursos do nosso Estatuto, diretamente, nós, que temos missão de ser articuladoras, ainda são muito poucos para aquilo que gostaríamos, mas temos feito esforço para fazer valer os 10% do Estatuto da Promoção da Igualdade Racial, e por isso podemos dizer que o edital de R\$ 35 milhões para as comunidades tradicionais, de assistência técnica, é algo importante, uma conquista que precisamos visibilizar.

Concordando com o Instituto Odara, acho que nós, cada vez mais – eu abraço o desafio da recomendação –, devemos promover diálogos e espaços para que possamos falar do que estamos construindo. No ano em que a Sepromi celebra dez anos, queremos fazer uma grande entrega. Nós vamos figurar como a primeira sede própria que vamos inaugurar este ano para o Movimento.

Quero parabenizar o nosso Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra, que é composto pela sociedade civil e pelo governo – Lindinalva também é nossa conselheira –, no qual podemos estreitar e debater assuntos para o passo seguinte.

Senhoras e senhores, meus mais velhos e meus mais novos, minhas companheiras e meus companheiros de luta, sabemos que não é fácil, mas reafirmamos o nosso compromisso, a nossa disposição de dar o passo seguinte e dar o recado a nosso governador, respeitosamente, cumprindo a nossa missão. A Sepromi é uma secretaria diferente das outras. Se ela não estiver em constante diálogo com a sociedade civil, com o Movimento Negro, ela perde o seu sentido de ser, e isso aprendemos logo cedo, com todas e todos aqui.

Portanto, vida longa ao 25 de Julho, vida longa às mulheres negras, vida longa à resistência das mulheres, para que a gente possa cada vez mais avançar, valorizar e reconhecer essas contribuições na história da memória da nossa Bahia e do nosso Brasil.

Viva as mulheres negras!

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos, e antes de darmos encerramento a este ato, eu queria externar aqui, nobre secretária e todos os presentes, o nosso repúdio ao comportamento da Câmara Municipal de Inhambupe, na última sessão naquela Casa, quando mais uma vez ficaram configurados atos de intolerância religiosa e desrespeito ao Estado Democrático de Direito do povo brasileiro e do povo baiano, quando aquele Poder constituído tenta mais uma vez manobrar para não configurar registro histórico daquele município e de afirmação. A posição exercida pela Casa no processo de votação de um projeto de lei deixa claro o tamanho do ódio, da raiva, da ira externada, ainda, por setores da sociedade contra a

nossa existência negra e, especialmente, contra o direito de opção religiosa do nosso povo.

Com isso, quero aproveitar para, muito bem caracterizado, como no dia de hoje, deixar registrado nos Anais desta Casa o nosso repúdio. Recebemos a denúncia na Comissão de Promoção da Igualdade, e estamos, junto com a Secretaria de Promoção da Igualdade, encaminhando as ações. Temos audiência marcada com o Ministério Público. Precisamos fazer valer o direito à nossa existência, conquistado com muita luta. Queria deixar registrada essa ação, mas quero como último ato antes do encerramento, dizendo que a nossa orientação de ancestralidade se faz sempre com festividades, celebrações. Quero convidar mais uma vez o grupo Negreiros Souza para nos contemplar com uma poesia, e depois Rebeca, mais uma vez, para abrilhantar com a sua voz, e, já antecipando, quero dizer que convido a todos para, após o encerramento, um breve coquetel.

(Declamação de poema por Negreiros Souza.) (Palmas)

(Apresentação musical da cantora Rebeca Tárique.) (Palmas)

A Sr^a Rebeca Tárique:- Agora eu gostaria de reunir todos e todas para tirarmos uma foto e, na oportunidade, dizer que, como artista, como mulher negra, trago, como a querida secretária colocou, nas minhas músicas, a afirmação da minha identidade, o resgate, a afirmação da minha cultura, também não é fácil. Não é fácil, porque o próprio mundo fonográfico diz que isso não é comercial. Mas eu sou uma resistente, uma resistente que nunca deixou de honrar suas raízes, nunca deixei de cantar a língua do meu povo, nunca deixei de cantar a minha cultura, a minha identidade, a minha ancestralidade. Eu sou uma resistente através da música, porque a música é atalaia. Atalaia é aquele que fala, e eu falo a vida do meu povo, a vida da minha comunidade, através das minhas canções.

Muito obrigada, gente. (Palmas)

Gostaria de que todo mundo viesse aqui para esta foto.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a foto a gente faz o encerramento, não é? E todos convidados ao coquetel.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares, eclesiásticas, dos Srs. Deputados e das Sr^{as} Deputadas, da imprensa, enfim, de todos os presentes.

Damos por encerrada a presente sessão com uma grande foto!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.